

Francês que foi chefe de Larosière informa bancos sobre países endividados

Silvio Ferraz
Correspondente

Washington — Pennsylvania, avenue 2000. Este é o novo endereço que os ministros da Fazenda dos países endividados estão avisados para incluir em suas agendas. Pelas salas da suíte 8500 forçosamente passa uma importante fase de renegociação da dívida externa. Dali saem para 200 bancos associados — que detêm mais de 60% da dívida internacional total — as informações preciosas sobre o estado de saúde das economias dos devedores. Por trás de um pequeno exército de 20 hábeis profissionais que constitui esse verdadeiro serviço de inteligência avançado está o tranqüilo e discreto André Delattre, 62 anos, 40 dos quais dedicados às finanças internacionais.

— Nós não negociamos qualquer dívida: apenas informamos o que está se passando nas economias dos devedores aos nossos patrocinadores, que são os credores —, adverte Delattre, consciente de que a respeitabilidade dos estudos que promove na direção do Instituto de Finanças Internacionais repousa na sua discrição. Essa virtude é uma arte que ele maneja com facilidade. Afinal, depois de ter exercido todos os cargos importantes na condução da política financeira da França — onde foi até mesmo assistente financeiro direto do general De Gaulle — Delattre sabe que quanto maior a carga de emoção mais difícil será encontrar uma solução para as partes. Colega de Raymond Barre como professor da Escola de Ciência Política da Sorbonne, Delattre tem outra referência curiosa: Jacques de Larosière, o todo-poderoso diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, foi seu subordinado durante uma década no Ministério de Finanças da França.

Linha cruzada

No ano passado, depois de terem experimentado o gosto amargo de sucessivas crises financeiras, iniciadas com a falência do México, os banqueiros decidiram centralizar as suas informações. Não era mais possível continuar a disparidade de dados dentro da comunidade financeira internacional, revela um dos banqueiros patrocinadores do instituto.

Os funcionários dos departamentos econômicos dos bancos internacionais não chegavam a pescar com acuidade os números exatos da crise, e tampouco havia coincidência entre eles. O resultado era o império da desinformação.

Em julho de 1983, reunidos para trocar impressões de suas aflições, os banqueiros resolveram criar um sofisticado serviço de inteligência, mas esbarraram na delicada questão de escolher quem iria dirigi-lo. Constataram, no entanto, que se tratava de um falso problema. Afinal, André Delattre, com todo o peso de sua experiência, estava atuando como consultor do Banco Mundial, a pedido de Alden Clausen, seu presidente, depois de ter se retirado da presidência do Banco de Crédito Nacional da França. Para incluí-lo em suas fileiras, os banqueiros falaram com Clausen e até mesmo adiaram a inauguração do instituto por mais seis meses.

Finalmente, no ano passado, Delattre começou a montar a sua equipe. Ela basicamente recolhe e analisa informações financeiras e econômicas e interage com os departamentos econômicos de 200 bancos associados espalhados por todo o mundo. Esses dados possibilitam atualmente que um banco médio do interior dos Estados Unidos possua informações tão acuradas como as dos gigantes Citicorp, Chase ou Bank of America para tomar suas decisões sobre se continua a manter linhas de crédito para o México, Brasil, Argentina ou qualquer outro devedor.

O verdadeiro desastre

Na sala despojada de objetos ou quadros, mobiliada com a sobriedade que combina com o seu ocupante, André Delattre não fala de países em particular. As entrevistas a jornalistas tampouco fazem parte de sua agenda. Embora prefira as sombras do anonimato, Delattre não consegue deixar de ser uma estrela que brilha com intensidade na comunidade financeira internacional. A conversa passa a ser sobre temas, e não sobre países. “No cargo que ocupo, falar sobre a intimidade dos países seria uma heresia”, afirma.

Delattre revela que a questão da dívida externa está sendo demasiadamente emocionalizada. Para ele, “há que se buscar uma solução equilibrada, compatível com a situação de cada devedor, sem discursos inflamados. Não podemos nos esquecer que a dívida externa é uma das partes do imenso quebra-cabeças que os banqueiros têm que armar. Há outras igualmente importantes”.

Para ele, o que deve ser evitado de toda forma é a moratória. “Isso é terrível. As pessoas que defendem essa tese jamais souberam o que significa ser banido da comunidade financeira”, diz. Delattre cita o exemplo da cidade de Detroit, que foi à falência na década de 20 e levou 50 anos para ter seu crédito restabelecido.